

## João Camilo de Oliveira Torres – História do Brasil

*Veio uma carta de longe.  
Aproximai-vos e ouvi:  
fala de rios propínquos,  
rios de lágrima e sangue  
que vão correr por aqui.*

*Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles*

Na obra de João Camilo há espaço especial para a *História de Minas Gerais*, à qual o historiador reservou cinco volumes publicados pela Editora Difusão Panamericana do Livro. Sendo um dos maiores nomes da historiografia brasileira em seu tempo, e certamente o maior de seu estado, João Camilo foi reconhecido e chamado a produzir obras que registrassem a tradição e os passos do estado que ao longo dos séculos XVIII ao XX foi onde se deram as mais importantes movimentações de relevância para o futuro da Colônia – e da Pátria.

*Poetas dos maiores que o Brasil já conheceu, como Tomás Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto... No setor das artes plásticas temos a figura notável do Aleijadinho... tivemos, no primeiro reinado, o grande Bernardo Pereira de Vasconcelos... outro liberal foi Teófilo Otoni, cognominado “o ministro do povo”... e também o último premier de D. Pedro II, o visconde de Ouro Preto, Afonso Celso de Assis.<sup>1</sup>*

Camilo listou os nomes dos grandes homens que construíram a história de seu Estado, e enquanto estudou os autores brasileiros (e internacionais), catalogou para o público os responsáveis pelo movimento cultural, artístico, religioso, jurídico e político em Minas Gerais, dos quais acima recortei alguns trechos que encontrei na obra de nosso autor. Com relação à importância da História de Minas para os brasileiros de qualquer região do País, Camilo escreve no prefácio de sua História que

*Ocupando o centro do país, contendo um pouco de todas as outras regiões, as Minas Gerais foram e continuarão sendo a terra da ordem e da liberdade, das tradições e das esperanças.*

*E como nenhum povo se faz grande sem a fidelidade à obra comum de seus antepassados, sem a fidelidade à tradição, é necessário que conheçamos a História do Brasil, não somente, para com isto, acentuar o patriotismo, mas e, principalmente, para saber como encaminhar o futuro deste país, sem desmerecer o passado, sem trair a memória dos grandes homens que nos antecederam.*

---

<sup>1</sup> TORRES. J. C. O. *História de Minas*. Distribuidora Record. Rio de Janeiro, 1967.

## Do ouro ao diamante

Tentarei aqui percorrer toda a *História de Minas Gerais* de João Camilo, à qual se inicia com a questão “não haverá ouro no Brasil?”. O autor descreve como cento e cinquenta anos depois do Descobrimento, o Brasil apresentava um cenário ainda curioso à Europa, uma vez que aqui se encontrava tudo ainda desconhecido do público d'além-mar.

*Nada estranhável no fato de haver os primeiros povoadores procurado, unicamente, a exploração do pau-brasil, além da caça de papagaios e macacos. Num clima, numa fauna e numa flora completamente ignorados, onde não havia uma só planta ou animal de utilidade conhecida, sem se saber que espécie de agricultura ou criação de animais se houvesse de tentar, é até notável que nossos antepassados descobrissem o que tirar daquelas matas estranhas, nas quais não havia uma só planta de nome conhecido.<sup>2</sup>*

Na Colônia ainda dominada e povoada unicamente em sua faixa litorânea, Portugal via crescer-se ao pau-brasil a produção riquíssima do açúcar, produzido com eficácia nos engenhos da região do recôncavo baiano. Abaixo da Bahia situava-se a capitania de São Vicente, que transposta dava em campos verdes de clima semelhante ao europeu, com uma região serrana que viria a ser chamada São Paulo de Piratininga. Fundada por jesuítas com auxílio de desbravadores avulsos, como o lendário João Ramalho, os portugueses precisaram de pouco tempo para darem origem a uma nova geração já brasileira, ou seja, não mais de vindos em navios portugueses, mas nascidos em solo brasileiro, nas matas de clima ameno de São Paulo, nasciam os “mamelucos”. Intrépidos e aguerridos, a nova geração de desbravadores conhecia a mata desde o seu nascimento, e adaptadas tanto ao clima quanto às moléstias locais, iniciou-se a entrada no interior do país, vencendo onças e índios bravos para encontrar tesouros dos quais se falavam a todo momento na Europa. A grande dúvida fruto das notícias que se tinha das expedições espanholas no Peru e na Colômbia era de que “se os espanhóis encontraram tanto ouro nas terras americanas, porque no Brasil não haveria também ouro e diamantes?”. Assim, os bandeirantes que passaram anos entrando na mata para confrontar índios guerreiros, agora mudavam de estratégia e passavam a arregimentar, dentre os índios, não apenas guerreiros, mas guias afim de entrar cada vez mais longe na mata e procurar a Eldorado falada em Portugal.

A procura pelo ouro e seu inevitável encontro se deu pelas aventuras dos bandeirantes saídos de São Paulo, como Fernão Dias e Borba Gato (seu genro) que à procura de esmeraldas atravessaram a Serra da Mantiqueira e encontraram uma região riquíssima em “*pedras coradas de todos os tipos – inclusive esmeraldas –, em cristal (quartzo), malacacheta, e não muito distantes, as jazidas de diamantes*”. Tão rica descoberta foi seguida pela bem-aventurança de um homem de Taubaté (de nome já perdido) que descobriu, no interior de Minas Gerais, na região de Itacolomi, a primeira pepita de ouro de um tipo até então desconhecido, um ouro negro que viria a dar nome à região de Ouro Preto.

## Nascimento da vida mineira e seu povo

Após a extração do ouro que aflorava na superfície dos riachos da região não necessitando de serem buscados a fundo, mas encontrados até mesmo junto às raízes de tufos de matos

---

<sup>2</sup> Trecho retirado de *O presidencialismo no Brasil*, Introdução III.

arrancados da região<sup>3</sup>, o ouro naturalmente foi sendo cada vez mais difícil de ser encontrado até que se fez necessária sua procura debaixo da terra, nas minas e fissuras provocadas nos pés das serras pelos mineradores. Foi assim que ao longo do século XVIII, Minas enriqueceu a si e à coroa: no ano de 1754, o auge da produção de ouro no Brasil, a colônia produziu nada menos que 15,8 toneladas de ouro, dentre as quais cerca de 10 toneladas tiveram origem em Minas Gerais, e as demais nas regiões correspondentes ao atual Goiás e Mato Grosso.

Assim nasceu Minas Gerais, um território fruto do fruto da terra. E tendo essa origem, os mineiros construíram naturalmente uma sociedade que girava em torno da riqueza, seja o ouro e as pedras preciosas retiradas do solo, seja o café e o leite que foram produzidos cada vez mais à medida que escasseava a mineração. Tal sociedade se desenvolveu com os aspectos característicos de toda comunidade que cresce em dependência de uma única atividade econômica local: riqueza abundante e pobreza repentina; comércio forte com uma classe de profissionais liberais prolífica; importância política no cenário nacional; e espírito de revolta contra a dominação externa, seja internacional ou dos próprio compatriotas.

Ao que a riqueza dos mineiros aumentava desenvolvia-se a comunidade local, e com o progresso vem o conhecimento – científico e informativo. Quando no fim daquele século a América do Norte vivia sua Guerra da Independência (1775 – 1783), no Brasil chegavam escritos libertários dos mais variados matizes, espanhóis, americanos, franceses... o mundo fervia com o abolicionismo, a causa feminina e o fim da monarquia, todos esses movimentos dirigidos por elites pensantes que prometiam às massas melhoria de qualidade de vida nas camadas mais pobres da sociedade.

### O espírito revolucionário no Brasil

A vida política nas Minas Gerais, que no ano de 1720 havia sido desmembrada da capitania de São Paulo, corria de forma inteiramente nova no Brasil, uma vez que os principais homens de negócios no fim do século, os senhores de engenho, mal sabiam que havia um governo em Portugal, decidindo as questões práticas da vida mineira eles mesmos, em acordos estabelecidos diretamente com a sociedade. Em Minas havia um governo com um Governador – que morava na capital, Ouro Preto, em um castelo à vista de toda a população. Havia também as Câmaras Municipais (e na região mineira os municípios diferiam de todo o restante do Brasil uma vez que as cidades se tornaram muito próximas umas às outras devido ao crescimento repentino no ciclo do ouro), nessas câmaras não havia prefeito, apenas vereadores (eleitos pelo povo) que nomeavam oficiais para governar as vilas.

## A escravidão no Brasil

João Camilo fala sobre a escravidão no Brasil e suas notas são sempre bastante elucidativas pois trazem não o lugar-comum, antes faz o retrato do tempo de acordo com o que foi deixado a nós pelos homens que viveram naquele tempo, os quais não buscavam construir uma realidade, mas apenas retratar seu tempo presente.

“Entre muitas coisas interessantes que se verificaram na colorida e variada sociedade mineira devemos destacar dois aspectos:

Em primeiro lugar, fato muito raro no Brasil e, único nas proporções verificadas, a existência de classes operárias livres. Em segundo, as irmandades de caridade que floresceram nas Minas Gerais à semelhança da Itália e Espanha, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prêtos – até santos de cor foram descobertos como São Benedito e Santa Efigênia. Os escravos tinham lugar de reunião e gozavam de liberdade, inclusive ajudando-se mutuamente no crescimento financeiro até conseguirem o suficiente para comprar sua carta de liberdade.”

*A vida social*, cap. 6.

<sup>3</sup> Camilo cita relatos de que “o metal era tão abundante que bastava arrancar uns matos chamados pelo povo de “vassouras” e as pepitas vinham prêsas às raízes, como batatas...”

Aspecto importante na formação do Estado foi a existência das chamadas “juntas”, grupo composto por dois deputados e representantes da sociedade civil que tinham como principal tarefa, comunicar à coroa portuguesa (quando consultados) sobre a situação econômica e fiscal da região. Nas reuniões com a coroa, a junta levava as queixas dos mineiros e exigências populares, sendo que por muito tempo as juntas foram o lado mais forte da queda de braço em torno do pagamento do “imposto do quinto”, como quando o rei de Portugal enviou a Minas Gerais seu representante, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, que ouviu de Domingos de Abreu Lisboa o que se segue:

*“As minas foram achadas e povoadas sem auxílio algum da Fazenda de sua Majestade. Contente-se portanto com o que quiser o povo dar-lhe à conta dos quintos e com o direito de fabricar moeda”.*<sup>4</sup>

O que se conhece largamente no Brasil relativo à Inconfidência Mineira condiz com um evento, mas com o “espírito do tempo e do lugar”, como podemos chamar a política social do século XVIII nas Minas Gerais. Em conjunto com a descoberta do ouro veio a descoberta dos diamantes, que trouxe para a coroa um novo grande problema, como cobrar o imposto do diamante sendo a pedra de altíssimo valor agregado em um objeto de proporções tão pequenas? Era fácil ao mineiro extrair o diamante e enfiá-lo na costura de uma roupa ou no interior de um objeto oco, como uma bengala. Diferente do ouro que era extraído em maior quantidade e menor valor, o diamante exigiu de Portugal uma engenharia especial para lidar com a fiscalização da extração, catalogação das minas e cobrança dos impostos sobre as pedras. Se para lidar com o ouro, Portugal criou as “casas de fundição”, obrigando os mineiros a levarem sua produção até a casa para que fosse fundida e, conseqüentemente, pesada, para lidar com os diamantes o reino teve de criar uma rede de investigação fiscal e policial em redor das montanhas de onde eram extraídas as pedras, para tentar conter o contrabando – tarefa em que a coroa, ao fim e ao cabo, falhou miseravelmente.

Relato que não podemos deixar de copiar na íntegra da parte de Camilo:

*Por vezes a situação ficava séria – em 28 de junho de 1720, estando o governador D. Pedro de Almeida, em Ribeirão do Carmo (Mariana) várias pessoas começaram a provocar agitações em Vila Rica (Ouro Preto). O chefe das desordens era um rico minerador, natural do Reino, chamado Pascoal da Silva Guimarães.*

*No dia 2 de julho, os revoltosos amotinaram o povo e foram até Marianba, poucos quilômetros adiante, e exigiram do governador que assinasse um documento, prometendo atender a uma série enorme de reivindicações populares, a começar da relativa às casas de fundição. O governador desarmado consentiu em tudo.*

*Alguns dias depois, já em condições de reagir, entrou em Vila Rica, prendeu os chefes do movimento, mandou meter fogo no arraial de Pascoal da Silva, que foi preso e remetido a Portugal. E a um dos líderes do movimento, um arreeiro chamado Felipe dos Santos, também natural do Reino, o governador, abusando de sua autoridade, para fazer medo ao povo, mandou enforcar e esquartejar.*<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> A vida política, cap. 7.

<sup>5</sup> O “Quinto” e as suas lutas, cap. 8.

A lição de Felipe dos Santos foi seguida de algumas reformas na cobrança dos impostos, e por 60 anos Minas Gerais conviveria pacificamente com a coroa quanto aos “Quintos”, vindo a conhecer um novo momento de rebelião no fim do século.

Enquanto a França era palco da Revolução, o cenário em Minas nos últimos anos do século XVIII era o de pouca importância para com a Europa, já existia na região uma vida toda brasileira, com a cultura riquíssima por meio da arquitetura de grandes igrejas, ousados projetos de engenharia como rodovias e aquedutos, romance e poesia e tudo isso com nomes que ecoariam por todo o mundo e ainda hoje fazem do Brasil personagem na cena da arte como Aleijadinho, Tomás Antônio de Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Se no Brasil esses nomes são desconhecidos, não é problema do mundo; seus altares foram erguidos na História da Arte e de lá nunca mais serão retirados.

Repetição social em todo o mundo, junto com o desenvolvimento artístico vem o político e, nas Minas Gerais, um número expressivo de intelectuais formou um grupo que enquanto lia os acontecimentos políticos nas Américas e na Europa, entrava em contato com os ideais que formulavam os movimentos de independência em todos esses lugares.

É de Mário Caldonazzo de Castro, jurista natural de Varginha-MG, a autoria do livro “Autos da Devassa”, no qual o autor descreve a primazia de uma trinca de intelectuais que formaram o verdadeiro núcleo central da Inconfidência. Diz o autor:

*Vários historiadores reconhecem que Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e o cônego Luís Vieira da Silva se encontraram por mais de uma vez para confabular sobre a instalação de uma república em Minas Gerais, inspirada por ideais iluministas que os mesmos compartilhavam e de certa forma, também pela independência das treze colônias americanas do domínio inglês ocorrida em 1776, sendo este assunto alvo de alguns estudos principalmente do cônego Luis Vieira, o qual tinha em sua biblioteca o maior acervo entre os inconfidentes de livros que eram proibidos pela censura portuguesa em razão de promoverem ideias libertárias.<sup>6</sup>*

Tomás Antônio Gonzaga foi poeta e jurista, maior nome dos poetas árcades do Brasil é autor de Marília de Dirceu, leitura obrigatória ainda hoje nas Universidades de Brasil e Portugal. Cláudio Manoel da Costa, além de advogado, foi também poeta assim como Gonzaga e personagem ativo na mineração; atuante no movimento árcade e barroco, foi um dos brasileiros que em contato com a intelectualidade americana e europeia, trouxe para o Brasil os primeiros exemplares de Adam Smith que acabavam de ser publicados em Londres. Luís Vieira da Silva foi sacerdote na Catedral de Mariana e indiscutivelmente o grande cérebro da Inconfidência, proprietário de uma vasta biblioteca de filosofia, religião e direito que, à sua época, era patrimônio raríssimo em toda a América Latina. Do que essa trinca de intelectuais precisava não era de um cérebro, mas de uma voz, e a encontraram no propagandista Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> CASTRO. M. C. *Autos da Devassa*. A Inconfidência Mineira por detrás da Cortina: o Levante, Tiradentes, o Advogado e o Processo. Juruá Editora. Curitiba, 2016.

<sup>7</sup> Um quarto nome nessa trinca foi por algumas vezes sugerido na pessoa de Alvarenga de Peixoto, autor de vasta obra poética e inquestionável gênio das letras mineiras. Porém, apesar de sua proeminência no cenário intelectual, Alvarenga não participou como membro ativo da Inconfidência, não tendo sequer espírito revolucionário suficiente para enfrentar o risco de colocar o pescoço em prol de uma causa republicana como foi a sedição nas Minas Gerais. Com relação a este ponto em particular, ver a obra de Mário Caldonazzo, *Autos da Devassa*, assim como a de Lucas Figueiredo, *O Tiradentes*.

Não sendo nosso objetivo aqui determo-nos em minúcias da Inconfidência Mineira, mas ir além e retratar a História de Minas Gerais baseados na obra de João Camilo, basta esse breve resumo para entender a relevância da sedição já bastante conhecida de todos os brasileiros:

- a) A Inconfidência teve um núcleo intelectual forte o suficiente para desenvolver um plano de execução e elaborar a primeira fase de rompimento para com o Reino;
- b) A figura do alferes foi essencial e sua projeção como grande nome da Inconfidência não é desmerecido, pois um levante popular não se faz por via intelectual, mas social<sup>8</sup>;
- c) Não foi a Inconfidência um episódio único, antes o de maior vulto. O espírito republicano não nasceu no fim do século em Minas Gerais, e nem morreu com o enforcamento do alferes;
- d) Não foi o intuito da Inconfidência alcançar a Independência do Brasil para com Portugal, mas sim romper o laço local (MG) para com a Coroa, essencialmente motivada pela questão econômico-fiscal; e
- e) Muito se fala no Brasil sobre as motivações pessoais de cada envolvido. Luis Vieira queria ser bispo, Tomás Antônio, presidente da República Mineira, Joaquim Silvério dos Reis (o delator) queria o perdão de suas dívidas... tais comentários mesquinhos são os de um tempo em que a ideia socialista ainda tenta se mascarar de “luta pelo povo desprovida de interesses burgueses”. Toda revolução envolve riscos mortais, e realizada por homens também mortais carece de motivações pessoais. Ademais, o pós-revolução nunca é almejado na anarquia, mas na instalação de um novo governo naturalmente composto pelos ex-revolucionários.

### Minas além do ouro e dos diamantes

O destino de Minas Gerais foi alterado profundamente por alguns acontecimentos pontuais, dentre os quais alguns já foram acima listados, porém o grande salto na história mineira se deu por uma atitude visionária que ainda hoje é a grande marca econômica do estado – bastando notar que ainda hoje a exportação de minério de ferro é o item de maior destaque na economia local, correspondendo a 29% da riqueza do Estado<sup>9</sup>. Diz João Camilo:

*A benfazeja ação de D. João VI no Brasil refletir-se-ia em Minas de duas maneiras principais: tornou conhecida [na Europa] a mais populosa província de seu Reino; e resolveu empreender a exploração das jazidas de ferro.<sup>10</sup>*

O que o historiador mineiro relata em sua História de Minas Gerais é a transformação visionária que o rei de Portugal teve para com uma região que, após o fim do ciclo do ouro, não encontrava mais utilidade para as reservas minerais de seu solo, entendendo que com o fim do ouro e do diamante, restava plantar café e criar gado de leite. Contratando técnicos como o barão de Eschwege e o inglês Mawe, D. João VI trouxe para a terra mineira um novo tempo de

---

<sup>8</sup> Temos quanto a isso a leitura acuradíssima de Machado de Assis, quando disse na ocasião do centenário da morte de Tiradentes: “[...]a prisão do heroico alferes é das que devem ser comemoradas por todos os filhos deste país, se há nele patriotismo, ou se esse patriotismo é outra coisa mais do que um simples motivo de palavras grossas e rotundas. O instinto popular, de acordo com o exame da razão, fez a figura do Alferes Xavier o principal dos inconfidentes, e colocou os seus parceiros a meia razão da glória. Merecem de certo nossa estimação aqueles outros; eram patriotas. Mas o que se ofereceu para carregar os pecados de Israel, o que chorou de alegria quando viu comutada a pena de morte dos seus companheiros, pena que iria ser executada nele, o enforcado e esquartejado, o decapitado, esse tem de receber o prêmio na proporção do martírio, e ganhar por todos, visto que pagou por todos.” – Machado de Assis, em texto escrito para a série “A Semana”, publicado em 24 de abril de 1892.

<sup>9</sup> Plataforma DataViva. *Comércio Internacional/Minas Gerais* (2018). Visualizado em fevereiro de 2022.

<sup>10</sup> *Minas e D. João VI*, cap. 13.



riqueza com a instalação das fundições de ferro, o que como já listamos acima, ainda hoje é a produção responsável pela riqueza do 3º PIB do Brasil.

Com a Independência do Brasil no século seguinte, Minas Gerais já era um território de café, leite e ferro, tendo visto a formação de um novo grupo de força nacional em um Brasil ainda rural, surgia no Brasil junto ao grande empresariado (nas três áreas mencionadas acima) a maior força política do País, os Liberais.

É vital salientar um ponto lembrado por Camilo e ignorado no estudo da Independência, hoje nas escolas brasileiras.

*Muito embora a Independência tenha sido tramada no Rio e proclamada em São Paulo, foi de importância capital a viagem do então Príncipe Regente do Reino do Brasil a Minas [onde] D. Pedro enfrentou e decidiu várias dificuldades, e percebeu que havia clima para a Independência – notou, pela efervescência encontrada em Minas, com vários partidos em luta aberta, que realmente, já havia um povo no Brasil.*

*Proclamada a Independência, D. Pedro I foi aclamado imperador nas diferentes cidades e vilas mineiras, ficando, assim, ratificado pelo povo não somente a Independência, como, também, a adoção da monarquia na pessoa do jovem imperador.<sup>11</sup>*

*Fernando Melo*  
Brasília, 5 de fevereiro de 2022

---

<sup>11</sup> Minas e a Independência. Cap. 14.